

Semanário de caricaturas e humorísticas

Propriedade de Estevão de Carvalho

DIRECTOR E EDITOR

ESTEVAO DE CARVALHO

CARICATURISTA

SILVA E SOUSA

ADMINISTRADOR

RICARDO DE SOUSA

— IMPRESSÃO A CORES

Vyp. do Comércio Commercial, P. dos Restauradores, 20

Comp. e Impressão na Typographia NACIONAL

18, Rua da Condição da Gloria 14 Ave. p. 1811, 20



SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração, R. do Povo dos Negros, 81, 1.º

● grande banquete... familiar?



Digam lá, que não são estes os magãos felizes da festa do... Natal. E para o Zé, lá estão os duros ossos

O Zé

Apresenta a todos os seus colaboradores, agentes, assignados e amigos em geral os seus desejos de festas felizes.

Fitas corridas

Ha veibotes rabugentos mas como o sr. Anselmo Braancamp existem muito poucos. E' d'uma rabugice extraordinaria! E' irritante! Chega a ser um banho d'agua fria no inverno!

Já o facto de S. Ex.^a ser um accumulador de presidenciaes (Senado, Camara Municipal, etc. etc.) é um indicio da «bilis». Emfim, leitôres, o sr. Braancamp é um rabugento de marca X P T O.

Pois sabem o que disse o referido senhor no Parlamento? Uma coisa muito bonita. Que é vergonhoso ir-se a Belem ao palacio da Presidencia e encontrar-se aquillo deserto. Que não é bonito o sr. Arriaga ver-se obrigado a dar festas na sua residencia, passando assim de Presidente da Republica a simples cidadão.

O sr. Braancamp estava talvez a chuchar comôdico. Então o sr. Manoel da Arriaga, lá porque foi guindado ás cuniadas da presidencia, deixou de ser o venerando cidadão que ia passar as tardes ao Jardim da Estrella, de sobretudo cabido negligente-mente sobre os hombros, com um sorriso nos labios para cada creança que via e com phrases amigaveis para os velhos que o rodeavam?

Não, senhor Braancamp.

Não é o fausto, a grandêza o luxo que se impõem á consideração popular, mas os dotes de coração e de consciencia.

Bem sabemos que a um democrata «doublé» de aristocrata, como é o nosso rabugento, deve custar tudo quanto é pinderiquice.

Mas então, o que quer?...

Não ha massa, não ha extravagancias. Ou o sr. Braancamp julga que temos cabedades para satisfazer caprichos? Que temos aqui o dinheiro a escorrer?

Não temos, sr. Anselmo, não temos. Se nos virarem de pernas para o ar não cae nem uma de cinco! Além d'isso o dinheiro não é para bródiós, é para se empregar no necessario.

Ah! sr. Braancamp. O sr. tem dito a «muita gentia» que não é esta a Republica que sonhou. Tem no dito e com magua, nós o sabemos! Mas resigne-se! Não chore que lhe faz mal!

O sr. Anselmo sonhou uma Republica de chapô á Napoleão e travadinha de veludo. Nós não a podemos sustentar assim. Tem que usar chale e mantilha se quizer.

Mas tomando o caso a sério que realmente é para isso:

—O sr. Braancamp não iria tambem sabão?...

Ora abóbora!...

Aquella camara dos deputados parece uma escola de meninos! Só falta aos illustres representantes levarem o «lanço» e apanharem a sua palmatoada. De resto é tal qual um collegio. Pois se é raro o dia em que não se levante um deputado para dizer que rasgará o seu diploma se por acaso não fizerem o que elle quer!

Ora supponham que o sr. Arêsta Branco é o professor, e que chamou um menino á

lição, isto é, deu-lhe a palavra. E' sabido que a primeira coisa que a creança diz é:

—O' sr. professor! Aquelle menino (aponta um ministro) está a fazer carêtas para mim! Olhe que eu rasgo o meu diploma! (Começa a chorar) Estas a vêr que se levanta logo o outro e diz:

—E' mentira, sr. mestre. Este menino é que estava a fazer a minha caricatura, ha boccado, Assim vou me embôra. (Chora tambem) E lá se levanta o sr. Arêsta para socegar os animos.

—Então meninos! Isso não se faz! Sentem-se! (Já não choram as creanças)

De repente diz o menino innocencio:

—O' sr. professor! O menino José Beribosa está a apalpar-me as pernas! Se elle continuar, rasgo o meu diploma! (Chora)

Levanta-se o José Beribosa:

—E' mentira! Elle é que estava a apalpar as minhas. Assim tambem rasgo o meu diploma! (Chora tambem)

O que vale é que o sr. Arêsta é que arranja a questão:

—Então, meninos «façam as pazes!» Sejam amigos. (As creanças, abraçam-se e beijam-se).

Agôra levanta-se um e diz:

—O' sr. professor, dá-me licença que vá lá dentro?

Resposta do sr. Arêsta já muito chateado:—

—Olhe! Vá e rasgue o diploma! Já agora...

Ora digam lá, parece ou não parece uma escola?

Mas não se assustem que ninguém rasga o diploma! Sempre são 100\$000 réis por mês!...

Reservámos para o fim a cerimonia do Natal e do Anno Bom. De boa vontade dávamos ao Zé um bello peru mas por causa das indigestões... damos-lhe as boas festas.

Do peru já se encarregaram os do governo. E não é mau peru o orçamento! Um deficit ainda muito razoavel. Temos mais ainda o conflicto entre o Senado e a Camara dos Deputados e mais, mais. Até parece uma eterna «perda». Mas não tem brêmos peccados tristes. Ao meôos passamos estes oito dias despreocupadamente! Não recordemos veronicas! E o Zé, no cumprimento d'um dever dá aos seus leitôres as melhores.

Bóas Festas!

Viva a cégada!

Continúa a contradaça!
Continúa esta cégada!
Siga sempre o pé de dança!
Viva a grande mascarada!
O senhor Egas Moniz
Será a «desinfeliz»!
O senhor Zé d'Alpoim
Irá vender gergelim!
O Franço Borges ao lado,
Para apinhar a função
Irá cantado o fado:

—«Quando eu era sacristão»...
Mais atrás, todo pachóla,
Vae Faustino da Fonseca,
Que veste, rebola a bola,
D'algor da Bibliotheca!...
Lá vae o Carlos Callisto,
Fardado de mandão mór.
O' Christo, olhae-me p'ra isto,
Que não ha coisa melhôr!...
Com tão boa mascarada
Até o papa se baba,
Descançae, rapaziada,
Que inda hoje não acaba!...

Bradaremos no deserto?

Chegamos muitas vezes, a sonhar que a Republica não é o regimen official d'este paiz; taes factos são os que dia a dia se nos deparam para vergonha não de certos troca-tintas, mas do paiz que, é infelizmente quem sofre com a vaidade d'uns e a animalidade d'outros.

Está na indole de toda a gente, a indispensavel tolerancia para com os altos poderes publicos ainda inexperientes n'essa bem difficil arte de governar e, forçoso se torna haver da parte do povo, uma certa benevolencia em erros e grandes (sem duvida) que se teem commetido por ineptia, e não, digamos em boa hora, com intenções menos dignas ou fins inconfessaveis. Não senhor.

O que já é inadmissivel, e se impõe o dever de reclamar e exigir mesmo, é um serviço municipal digno d'uma capital d'um paiz com raivinhas de civilisado e paz de... tanto sabio; pois não senhor, o que por ahí se vê, é ignobil, e bem digno d'um logarejo onde, existam apenas «cubatas» de negros! Como se não bastassem essas ruas vergonhosas que por ahí vemos cheias de lixo e até de dejectos a toda a hora do dia, ainda a população suburbana da capital, tem de se ver com todas as difficuldades que a incuria municipal para lá lhes despeja.

Por agora limitamos a nossa reclamação para beneficio dos pobres moradores da parte da freguezia do Beato que, comprehende as azinhagas da Bruxa, Planetas, Salgada, alto das Conchas, rua de Cima até Chellas onde, começando nos intransitaveis caminhos, acaba pela falta de luz e da policia que, por graça do cidadão Theophilo Braga, só faz serviço á porta do inventor da polvora, perdão, do cidadão Xavier Barreto ex-ministro da guerra!

Voltaremos ao assumpto.

Com aceio!

Conta o «Seculo» que no dia da chuva houve grandes inundações no Rêgo e imediações.

Caramba! D'esta vez ficou o Rêgo lavado!...

Jardim de Lisboa

Foi inaugurado na quinta-feira passada este elegante estabelecimento, propriedade do nosso amigo J. Peixinho e sito na Rua Garrett, 66.

A' inauguração assistiram representantes de toda a imprensa da capital, muitas senhoras e varias personalidades em evidencia como os srs. Xavier Barreto e Thomaz Cabreira. Emquanto na galeria uma orchestra executava algumas peças, foi servido aos convidados um delicadissimo «lunch», sendo levantados ao «champagne» muitos brindes.

Durante a festa foram distribuidos uns lindos versos de D. Luthgarda de Caires.

Ao Peixinho agradecemos o convite que amavelmente fez a «O Zé» e auguramos-lhe felicidades ao seu novo estabelecimento.

ACABA DE SAIR:

Homenagem ao

Em magnifico papel couché—Preço 60 réis.

PRESIDENTE DA REPUBLICA

Dr. Manuel Ad'rriaga

Viseira Carregada

Como se não fosse já magistralmente comica a orientação seguida pelos luminosos cerebros da Luzitania na ridiculissima questão das chinezas, acabam os mesmismos luminosos cerebros de vir fechã la com chave de «laão», processando, que-reiando ou odiado que os carregue a todos, as pobres mulheres que tiveram a infeliz ideia de vir a Portugal, lá porque elles ti-pham dito que isto era já um paiz civilizado, enganando assim as pobres filhas do celeste Imperio.

E tem esperança os nossos Argus de que não ha-de ficar impunes os nefandos crimes de tirar bichinhos aos portuguezes ceguetas, de ensaboar o joizo ao «grande» Euzébio Leão, o governador civil que com mais razão passará á posteridade, sem ofensa á saudosa memoria de Benjamim Arrobas.

Não lã de os portuguezes chorar lagrimas de sangue ao vêr assim desmantelados os re-los d'aquelle bom senso, que em tempos que lá vão, soube o Partido evidenciar quando em opposição á Monarchia e sempre verberando e chasqueando as carrapatas e pepineiras em que ella se envolvia, com grande gaudio nosso, de que agora de-desforram os defensores que ainda por cá tem l l.

Calcule-se quanto de bom, de justo e de util haveria já feito, se estes magistraes intellectos se tivessem dedicado com verdadeiro amor e igual dedicação á melhora da nossa triste situação moral e material e á resolução de problemas vitais da nossa terra. Estava já decerto salva a Patria e salvas, salvissimas, as batatas portuguezas.

Ninguém pôde ter duvida.

Portugal tem ao seu serviço capacidades de tal jaez, que só por mangação se admitte que elle não seja já o primeiro do Mundo em administração, civilização e prosperidade.

Mas descançemos que elles, os Euzébios todos, menos o Euzébio de Mello salvam isto e depressa, por este sudar.

ARTHUR NEVES.

Uh! Lambaça!

O Juiz Pinto Lambaça
Não é Lambaça, é lambão,
Nem é lambão, é thalassa,
Ou nem isso, é thalassão!

Chega mesmo a sêr carraca
O tal joiz marmão,
Não é Pinto, é galinbaga;
Não é Lambaça, é leitão!

Faz asneiras por pirraça,
Faz «botas» até mais não,
Faz tudo o alma damnada!...

Mas já que o Pinto Lambaça
Se torna assim tão lambão,
E' corrêrem no á lambada!...

Caracol & Alho

E' o titulo, d'uma nova revista do nosso presado collega Arthur Arriegas e Xavier Marques.

Parece, que subirá brevemente á scena num dos nossos theatros populares.

Ao correr da fita

— O' visinha, e capaz de me explicar uma coisa?
— Se pudér...
— E' que os jornaes agóra não fallam senão em tubarões. O que é um tubarão?
— Se quér que lhe diga, bem não sei. Mas parece-me que tubarão é um peixe...
— O'ra essa! Eu nunca ouvi as varinas apregoarem esse gênero Será besugo?
— E' maior!...
— Será Tainha?
— Ainda maior!...
— Talvez pescada...
— Maior, Maior...
— E' peixe espada, talvez
— Muito maior, visinha, muito maior...
— Então é por isso que as varinas não o vendem. Não cabe na canastra...
— Nem em vinte canastras juntas. Não é peixe é um peixinho...
— E come-se?
— Come, mas é preciso cuidado. Começando a comer-lhe a cabeça podemos-nos engasgar...
— Então?
— Os Tubarões devem principiar a sêr comidos pelo rabo...

Hora suprema

Por absoluta necessidade, de darmos saída a original aglomerado, somos forçados a adiar para o proximo numero, o artigo de Ariejurnal que, responde ao do «Seculo», a proposito da instrução e de que já se occupou no numero passado.

O leitor, não perderá pela demora, assim lh'o affirmamos.

Monumento d'arte

Segundo nos consta, a illustre commissão dos Monumentos d'Arte, acaba de propor á não menos illustre vereação Municipal de Lisboa, para que seja considerado monumento d'arte, aquelle andaime que, ha annos existe agarrado ao predio da photographia Novaes das escadinhas do Duque.

Dentro d'alguns dias, vai ser ajardinado aquelle local e collocado ali o respectivo guarda.

E' mais um monumento para admiração e veneração dos sabios e touristes estrangeiros.

Parabens.

Vamos a isto!!

No modo de vêr, de certa imprensa hespanhola, parece que estamos em vespéras de darmos a alma ao creador. Assim, um pasquim que se intitula — «Noticiero Extremo» e se publica em Badajoz, em seu numero 2 435, de 20 de Dezembro, dizia pela pena do seu notavel e... impagavel chronista em Lisboa que, os Monarchicos portuguezes, visto a polsanmidade demonstrada durante a revolução por D. Manoel II e D. Miguel de Bragança, offereciam o throno de Portugal ao principe Luiz de Battenberg, e se o preclarissimo e muito agústo principe não acceitar a Allemanha occupará Angola, loglaterra Lou-

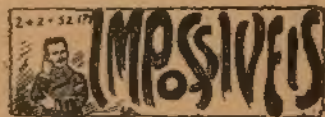
renço Marques, Hollanda Timor e Hespanha, o territorio portuguez.

Não nos surpreende, a animalidade de tal chronista, porque os ha por esse mundo fóra aos montes; mas simplesmente, que o muito nobre e fidalgo povo hespanhol, possa admitir a razão da existencia em Badajoz, d'um pasquim que nem para o serviço d'uma cloaca serve!

Simplemente nojento e desprezível tal papeleta de Badajoz.

Enquanto que elles ladram, hade o nobre povo portuguez, demonstrar altivamente que a republica é o unico regimen que escolheu, implantou e bem saberá defendê-lo porque, a elle e só a elle importa a sua existencia. E' a resposta, que temos a dar aos que ainda lenham calaratas nos olhos.

E porque não experimentam os Battenbergs varios que por ahí ainda vegetam como as corujas?



— Acabarem os julgamentos dos conspiradores.

— Os thalassões declarados deixarem de elogiar a conferencia do sr. Cunha e Costa.

— Resolver-se a questão dos electricos e acabarem os desastres d'estes.

— Extinguir-se a raça dos poetas.

— Acabar a idem dos criticos.

— Haver alguém que o Laranjeira não conheça.

— O «já te hiestes» passar a ser o capadinho o capadão.

— Canastra canastrão dizer se os são... são agóra mais baratos.

— A pomba viciosa deixar de se atirar a certas damas das nossas relações.

— A «gata sábia» dizer como vai o Meyrelles.

— A «pomba viciosa» ir á procura da mamã.

— O «capadinho capadão» fazer baratear o bacalhau.

— O «pé de legue» entender se com o capadinho capadão.

A «Esquadra» dizer que tal esteve a serenata do Largo da Fonte.

A mesma «Esquadra» dizer o que fez durante a serenata.

— O «lisa» cumprimentar o seu collega Zé do Forno.

— O «leitura» repetir os improvisos da menina do challe branco.

— O «pharol» dizer qual era o... que conduzia.

Rua dos Condes

E' n'este theatro que vai vêr a luz da ribalta a opereta comica que o nosso camarada Arthur Neves, de colaboração com Caetano Pereira, acaba de fazer com o titulo «Sonho de Fado». Como já é sabido trata-se de uma parodia á celebre Opereta «Sonho de Valsa», estando encarregados da parte musical, aos laureados maestros Luiz Filgueiras e Alfredo Mantua, que decerto não desmerecerão n'este trabalho dos seus já bem firmados créditos. Vão muito adelantados os ensaios d'esta peça, pelo que não demorará a sua primeira representação.

Acaba de sair:

Homenagem ao

Em magnifico papel — couchet — Preço 60 réis.

Presidente da Republica

Dr. Manuel d'Arriaga

A verdadeira árvore do Natal



Nada mais tem que pedir! Aqui, Portugal, tem de tudo para dar e vender!?

Escreve-me um leitor assiduo dando-me conhecimento d'um facto bastante repugnante, que por pertencer á ordem das heroidades da padralhada é a mim que me toca reproduzi-lo e comental-o por ser eu o encarregado da secção *E' padre e basta...*

Vamos ao caso:

Ha annos no logar de Corças, freguezia de Sebadelhe da Serra, concelho de Trancoso, havia uma menina, filha d'uma distincta familia brasileira, que estava para casar com um rapaz da proxima freguezia do Reboleiro.

A menina mencionada foi-se confessar na vespera do casamento e taes cousas lhe disse o padre que a tal menina chegou a casa e disse abertamente ao que havia de ser seu marido e á familia que já não queria casar.

Que cousas se teriam passado no confessional?

Que doutrina santificante empregaria o «papa-hostias» d'aquella terra para que a penitente resolvesse, sem que nem para que, desprezar o homem que tinha escolhido para seu marido?

O que sabemos pela carta recebida é que passado pouco tempo, essa menina de puras intenções, essa aureola de castidade e candura, esse doce enlevo que fazia o orgulho d'uma familia honrada e sem macula, era a amante, a manceba, a barragã d'um homem que todos os crentes toleram na alcova nupcial, que se não importam que snas esposas estejam de joelhos aos pés d'elle pelo facto de vestir uma saia, uma batinha preta e por que os «fideis» intendem que lhe hão de prestar obediencia por ser, a representante de Deus na terra...

Que faria o leitor se visse sua mulher, sua irmã, sua mãe, aos pés d'um homem? Certamente correriam com elle por não ser natural o que se estava passando não é verdade?

Pois os fideis não fazem o que nós faríamos; lá por que esse homem usa coroa rapada á navalha e porque veste uma sotaina dizendo-se representante de Deus, tolera-se que um bandido de consciencia, um ladrão de sinceridade, um saltador do nosso dinheiro, seja objecto de todos os respeitos e de todas as considerações.

A menina a que alludo teve do «papa-christos» um ou dois filhos e o escandaloso na freguezia foi tão grande que o bispo da Guarda mudou a freguezia ao patife do padre que, mais tarde abandonou a menina «citada», que se viu, por isso, na maior desgraça.

O padre, de que temos pena não saber o nome para o publicar nas columnas do nosso jornal, deixou-a na miseria a ponto de ser preciso fazer-lhe uma subscripção para ella ir para o Brazil, cre-se que está na cidade de Santos.

Com a entrada do padre no lar d'aquella familia esta ficou deshonrada, perdeu-se uma casa que vivia desaffogadamente, retalhou-se a vida a um casal que estava proximo a unir-se e mais uma vez se deu um exemplo «de moralidade christão».

A noiva velipendiada tinha quatro irmãs, pois nenhum d'elles teve a coragem, nem mesmo o homem que estava para ser marido d'ella, para pegar n'um cacete ou n'um revolver e fazer justiça por suas mãos visto que as autoridades fecharam os olhos e o «Supremo Jehovah» que o padre representava na terra se não revoltava contra as conspurcações do seu nome.

O' vós que tendes as vossas candidas companheiras, lindos botões de rosas que aromatizam as vossas existencias, lede com attenção estas linhas desprezenciosas escriptas sem facciosismo, pessa o acto na balança da vossa consciencia honesta e meditas na obra dos padres que se vos apresentam com apparencias de bondade.

Nenhum sacerdote é honesto por que não pode ter familia sua, não pode ser pae, ser esposo, não pode constituir lar e por isso procura desvirtuar aquellas que o recebem no seu seio.

Pode haver alguma coisa mais imoral e mais immundo que as nossas mulheres e irmãs contarem a homem desconhecido as intimidades conjugaes e algam os conselhos d'um homem extranho a todos os sentimentos que de familias honradas possam originar-se?

Creio meu caro leitor, que por muito poderosa que seja a crença absurda inculcada no espirito de nossas esposas, ainda aos mais crentes em materia religiosa, não deve ser isso motivo para tolerarmos um cynico da verdade, um hypocrita da moral, que com sorrisos estudados ao espelho procuram deshonrar todos aquelles que se curvam á sua passagem.

CHAGON SICILIA'.



DESPRESO

Eras, casta Luizinha
O meu bem, a minha bela;
Hoje deves-te a mim
Não me venhuma aquella!

Renegas-te o meu amor
Não sei porque, sem razão;
Quando eu com mais ardor
Aspirava a tua mão.

Plantas te no peito meu
Um pé d'eterna sanidade
Regado com odio, teu,
Com desprezo e falsidade.

Não te lembrando, sequer
Que a chega da deventura
Nunca deixa de verter,
E' ferida que não tem cura.

Se queres pôr termo, ainda,
A's trevas da minha vida,
Concede-me pomba linda
Em teu peito uma guarida.

Verás como em mim se agita
Num êrmo triste, isolado;
Um coração que palpita
Furioso, assanhado.

Veras como é bom amar
Quem de magoas tem um uolho
E, como é bom ficar
Um rosto só com um olho!

STYL.



Em camisa!...

«A Capital,» outro dia, fallando do Senado, diz:

«São horas de encerrar a sessão. Alguns senadores vestem os casacos...»
Os estrangeiros hão de dizer:

— Então aquelles magicos estão reunidos em mangas de camisa?

por Armando Ferreira

(Continuando)

ZOOLOGIA

Bol—Animal domestico; suporta a canga matrimonial com sofferimento e resignação. Joga as armas com facilidade; diz-se do marido que sofre com estoicismo a sogra e pucha á nora. Os burguezes em geral são pés de boia.

Leão—Animal feroz mas que ás vezes parece... d'ouro. Neste caso vae-se lá comer. A's vezes fazem-se pela sua força, governadores civis dos outros animaes.

Aranha—Insecto de muitas pernas. Solteirona que aos 45 ainda tem o palmito e capella (Ninguém profundou ainda aquella aranha).

Orçamento d'um paiz; até se diz; nem sete ministros mataram aquella aranha.

Lampreia—Animal d'ovos, com uma pera em arco, com as tripas amarellas por fóra do corpo. Se este animal é camello, faz asneira pela certa.

Pescada—O antes de ser já o era, marítimo. Mulher bôa com certeza é uma... pescada alto... lá com ella!

Corvos—Senhores, usurarios, notorios, credores, organizadores de bandos precatórios, gatos pingados etc. etc.

Quando virem alguns fujam: são zgoirentos como burro!

Botanica

Nabos—Planta que se planteia nas pucaras. Quando estão crescidos diz-se:

Vamos a tirar nabos da pucara.
O Nabo é indigesto e provoca desenvolvimento de barriga. Cuidado meninas.

Aveia—Comida de cavallos. Todos nós temos a veia grossa ou fôrta.

A aveia em geral não está na hórta.
Espinafres—Misses; ao comerem-se fazem espretegado!

Chá—Manda-se vir para influir na educação. Quem o toma em pequeno é bem educadinho, já se sabe.

Ha duas especies: o chá da China, e o shah da Pérsia.

E' preverivel o de parreira.
Salsa—Herva antiga que germina pelo Carnaval. De facalhão e corno em punho, pedem, Di cá de reis, ó salsa!

Pera—Fructa que abunda perto da Suissa de quem a tem é claro. A pera cresce e dá-se melhor com o calor. E' muito empregada em exportação. Nós mandamo-la muito.

(Continua)



Recordações

E lembra-te decerto, Margarida, quando um dia saíste dos Armazens Grandella, com tua mãe, que me despediu através o véo escuro, um olhar que me vergastou as faces rubras!

Como naquella dia me pareciste mais surpreendentemente bela!

A chuva, miudinha batia-me no rosto como picadas de alfinetes, e lá seguida de perto por ella, atravessando as ruas da baixa, mostravas aos olhos dos curiosos o teu lindo pé que saltitava pelo passeio lamacento encimado por toda a tua formosura e magnificante elegancia.

O coração batia-me agora mais baixo e com mais vigor; mas eu não deixava de te seguir.

Esquecia chuva, esquecia tudo, e não despregava o olhar do teu gracioso volto. Nisto, passa um electrico para a Estrela. Subiste com ella, e eu tambem subi depois. E, quando já de pé na plataforma da rectaguarda é que senti que estava todo molhado na frente.

E, dizia eu; maldito inverno que até o meu amor contrarias com os teus rigores.

STYL.

Acaba de sair:

Pedidos á nossa redação

Preço 300 réis

PYRILAMPOS

Versos de ARMANDO FERREIRA

Teria graça

Os jornaes da grande, noticiam que uma commissão composta de notabilissimos... parlamentares, foi procurar o sr. Ministro das Colonias, para que voltasse ao seu antigo lugar de governador de Cabo Verde, o sr. Marinha de Campos. Ha engano por força, em nome da moralidade e da justiça, o que se deveria fazer, era levar até julgamento publico, o processo que o sr. Marinha tinha pendente, para se saber o que ha de verdade em toda essa vergonhosa retirada do sr. governador de Cabo Verde.

E' culpado, cumpre-se a lei; é innocente, peçam-se responsabilidades ao sr. Amaro Gomes e mais provisorios.

Assim, quer o sr. Marinha de Campos queira quer não, a opinião publica tem e terá duvidas sobre a sua justiça, isto, embora, a sua «entourage» brade aos quatro ventos a immaculada governação do sr. Marinha em Cabo Verde.

Porque não se publica o resultado da syndicancia que parece se levou a efeito logo apoz a retirada do grande revolucionario e audaz heros da Rotunda? Não seria optimo para o sr. Marinha de Campos?

Velhos males

A Republica, é claro que nos referimos á gazeta do notavel estadista Antonio José d'Almeida, lá vinha com o programma que vae ser adoptado pela... União Republicana.

Lemos, mastigamos e digerimos com geitinho para evitar uma indigestão.

O que valie, é que o pobre papel é a albarda mais pacifica e muda que conhecemos. Não se assustem leitores amigos, isto de programma é um velho male... para logez ver! Ora veremos.

Tout-passe, tout-casse tout-lasse.

O Cadete do banco da Avenida

Caminhavamos para casa, na noite de 30, subindo pavorosamente a principal arteria da cidade, a Avenida da Liberdade, quando ouvimos ao longe o ciciar de duas bocas que se beijavam.

Não é preciso ser-se bruxa da Aturada ou Madame Brouillard para adivinhar que ficamos atentos, ansiosos por descobrirmos o casal de pombinhos que tão terramente arrulhavam.

Subimos, subimos, subimos...

E quanto mais subiamos, melhor ouviamos. Agora já não eram só beijos, eram palavras amorosas, phrases mais doces que assucar de quatorze vitens o kilo. Oh! Lá estavam elles, os marótos!

Elle um garboso cadete, louro e bello no esplendor aureo da sua sonhadora mocidade; ella uma gentil creaturinha de pronuncia extrangeirada, muito elegante e com um chapéu de... Oh! madame, diga-me por favor.

Onde comprou tão grande chapéu.

A muito custo conseguimos occultar-nos por detraz de uma arvore de forma a não sermos vistos e puzemo-nos de ouvido á escuta.

Então que querem, é um mau costume lá isso é mas para ouvirmos as baboseiras de dois namorados tudo se permite. Afinal fomos ludibriados: o que nos chegou aos ouvidos foi um punhado de verdades, Ella entre beijos e abraços perguntou quando vestiria o seu J. (O nome fica no tinteiro) o fardamento novo. Que não! Que não! mandava fazer não lhe valia a pena, respondeu o C. (Cá fica outro. Este chegou

ao aparo) Mas ella queria ir com elle ao theatro.

—Oh! filha (bumba chôcho) para isso não é preciso faticosa nova (outro chôcho). A difficuldade está na escolha (outro mais) Como ainda tenho os dez tostões do prêt (lá foi outro) e fazendo um empréstimosinho isso arranja-se (outro ainda) Mas onde iremos? (E não a deixou responder com tanto chuchar).

Seguiu-se a escolha do theatro. O **Republica** tem em scena a revista «Num rufo» que foi a peça de mais successo na epocha passada e o espectáculo tem alem desse grande atractivo a representação de qualquer peça com o concurso dos grandes artistas Brazão, Rosa, Adeline Abranches ou Ferreira da Silva. No **Nacional** a famosa comedia norte-americana com que abriu epocha este anno não mais sahirá do cartaz sem pelo menos dar 100 representações.

A pórcha com o **Nacional** está o **Apollo** com o «Chico das Pêgas» que está a alcançar a 100.º a todo o galope. E' maravilhoso como uma operetta consegue dar tantas representações seguidas. Tal só se realisa quando se trate de uma peça interessantissima de musica inspirada, mise-en-scene original e scenario de valor e é este o caso da operetta de Schwalbach em scena no **Apollo**. Outra operetta de successo é a «Princesa dos dillars» que na **Trindade**, devido ao trabalho genial de Almeida Ferrari tem merecido as mais vivas ovações de todo o publico. Enão são só as peças de musica que triumpham.

Veja-se o **Rua dos Condes** que tem em scena a revista «Fandango»... maxixe augmentada com o quadro novo «Gaifinas do Zé» que agradou plenamente; o **Variedades** o «Pae Paulino» a que os «Geraidos» vieram dar um brilho extraordinario com os seus maxixes e canções de tanto agrado e o **Infantil** a revistinha muito engraçada «Talvez... pegue». Isto alem do **Moderne** onde a peça de Esculapio agradou em cheio e o **União dos Anjos** onde a revista «Já te matei» todas as noites dá grande lucro.

Tudo isto nós ouvimos ao cadete e á respectiva pequena. Decidiram não ir ao theatro mas sim ao cinematographo, pois ante tão bons espectaculos não sabiam por qual se decidir. Eis agora o que d'elles ouvimos sobre os cinematographos e não sabemos... que resolveram porque nos retiramos com medo de sermos descobertos.

O **Salão da Trindade** apresenta fitas da maior sensação como a «Uma... de tantas» que fez uma revolução em Lisboa. Continuam os espectadores dos deslumbrantes espectaculos d'este salão a apreciar os concertos, de programma escolhido a primor, do sexteto «Caggianni, um dos melhores que conhecemos.

No **Chindo-Terrace** e **Olympia** as sessões da moda são sempre animadissimas e cheias de interesse pois as empresas capricham na organização dos programmes com de resto todas as noites o fazem. No **Central**, onde a machina é de uma nitidez assombrosa, basta ver a multidão que sempre tem á porta para avaliar o valor das suas sessões. No **Fox** os numeros são applaudissimos e estão lá agora duas grandes celebridades que tanto successo estão causando com os seus trabalhos: a Miss Darwill (musical) e a troupe Cuno Alexandre. Vão ver.

ZÉ PIMENTA.

Colyseu dos Secreios

Com uma enchente realizou-se a reprise da companhia Otta di Firenze. Todos os espectaculos tem decorrido com o maior enthusiasmo tende a companhia a causar o mesmo successo que alcançou da primeira vez que esteve em Lisboa. E' perfeitamente justo que assim succeda pois, repetimos o que em tempos dissemos, é uma verdadeira companhia de operetta que se aprecia no **Colyseu dos Secreios**.

«O Rebelde»

E' mais um jornal, mais um paladino que vem abraçar a lucta no ingrato meio em que vegetamos.

Nasceu agora, ainda o teremos com o ardor do sangue rebelde por algum tempo na defeza d'uma das mais nobres, das mais generosas missões—a missão da defeza dos que heroica e desinteressadamente lançam a vida á labareda do incendio para hem da humanidade!

Ouvil-o-hemo? quando, «O Rebelde», conhecer como nós os homens e as suas fraquezas.

Apresenta-se hem e digno d'um auspicioso futuro.

Os nossos parabens.

Festival de caridade

N'uma das primeiras casas de espectaculos de Lisboa, realisa se brevemente um estival em beneficio das creanças, que compoem o encadeador Orfeon Infantil, do Campo St.º. Clara, heje denominado Orfeon infantil Maria Emilia Costa, e que tão aplaudido foi nas festas em que se apresentou, no Colyseu, theatro da Republica, e no Domingo proximo passado na festa da arvore no Lyceon Camões.

O producto d'este festival destina-se ao pagamento dos novos vestuarios e calçado, com que o orfeon se apresentará já, e que foram mandados confeccionar pelo iniciador e promotor do festival.

Carnes caras!...

Um jornal da Sinfias diz que ha gente no concolho que nunca provou carne de vacca porque... custa 240 réis cada kilo.

Vá lá, vá lá que é baratinha! Em Lisboa as carnes são mais caras. Principalmente vacca, gallo, etc. etc...

Elmar é bruta...

XIII

Donzella, linda donzella
E's airosa e seductora;
Fazes lembrar travadinha...
Um fino pau de vassoura

XIV

Quando te vejo passeando,
Seduz-me esse teu andar;
Pareces assim trotando,
As mulas do Salazar.

XV

Essas teus péas, meu amor,
Oh! que mimo que elles são,
Por certo foram roubados
Das pernas d'algum pavão.

XVI

Do teu chapéu exquisito,
Ha quem a dizer se afolte,
Que com essa forma conica,
Parece um vaso... da noite.

XVII

Tu és linda, minha amada,
Tu és um perfeito nimbo;
Porém, a tua carranca
Faz-me lembrar a d'um cachimbo.

XVIII

Quando te via mui bella,
Ao parapetto encostada,
Eu não sabia, donzella
Que a belleza era pintada,

ELMINO, FILINTO & ELIAS.

A NACIONAL Typographia e Encadernação

DE

Rodrigues & Piloto, L.º

Trabalhos em todos os generos
simples e de luxo

Extrema modicidade de preços

38, R. da Conceição da Gloria, (á Avenida) 40

LISBOA

Acaba de sair:

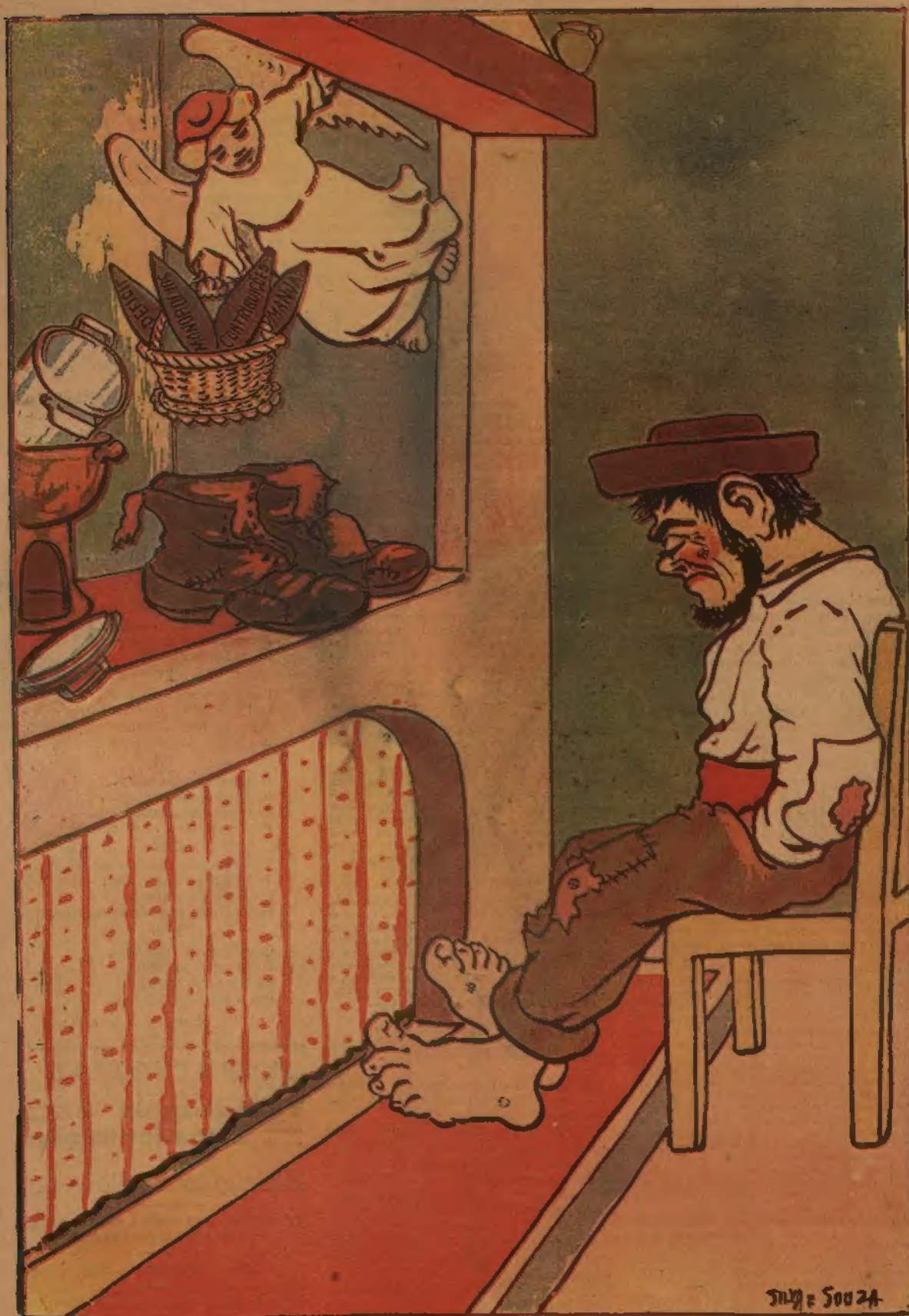
Pedidos á nossa redacção

Preço 300 réis

Versos de ARMANDO FERREIRA

PYRILAMPOS

As ilusões do Zé



Como o ingenuo menino ficará, ao deparar com as bróas que a republica lhe ofereceu?!